

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

EM AVEIRO—ANNO 50 (NUMEROS) 14000 RS., SEMESTRE (25 NUMEROS) 500 RS.
FORA D'AVEIRO—ANNO (50 NUMEROS) 14125 RS., SEMESTRE (25 NUMEROS) 500 RS.
BRAZIL, (MOEDA FORTE) E AFRICA ORIENTAL... 14500 RS.

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

AS ASSIGNATURAS DEVEM SER PAGAS ADIANTADAS

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

NA SECÇÃO DOS ANUNCIOS—CADA LINHA 15 RS.
NO CORPO DO JORNAL—CADA LINHA 20 RS.
NUMERO AVULSO 20 RS., OU 100 RS. NO BRAZIL.
REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO—RUA DA ALFANDEGA NUMERO, 7

AVEIRO

CONTINUANDO

O combate ia fero e tenaz. De ha muito que azoragavamos os chefes, pela sua imbecillidade, pela sua ineptia, pela sua transigencia monarchico-clerical. De ha muito que lhe repelliamos as fezes e os odios, odios e fezes para todos os republicanos que lhe não ajoelhavam aos pés humildemente ou que ousavam pedir revidicações mais avançadas no caminho luminoso da democracia. Todavia, nunca deixámos de manifestar abertamente a nossa mais ampla adhesão aos mesmos homens que tanto combatiamos, logo que os vissemos seguir a conducta que o partido triste e em desalento lhe pedia e que a consciencia publica com enthusiasmo lhe indicava. Ficaram em dezenas de artigos os avisos, as exhortações e os conselhos dos dissidentes d'esta terra de provincia em que o *marisco* nos dá vida e o mar nos dá enthusiasmo.

Mas isso não foi tudo. Quando apostasias verdadeiras e outras fugidas, suppostas, calumniosas ou infamantes, romperam os fileiras do partido, quando se fallou em patriotismo, nós fomos dos primeiros, perdoando agravos velhos e esquecendo fundos erros, a offerecer a nossa adhesão e o nosso trabalho sincero e leal.

Ingenuos! Dos ingenuos que avançam contra o inimigo n'um *elan* d'enthusiasmo sem reparar que os seus camaradas se abrigam atraz as pedras, se o não fusilam pelas costas! Doidos! Dos doidos que não conhecem nem querem a capitulação emquanto ha provisões e mantimentos! Creanças! Das creanças que vão prezas por promessas bellas e affaveis sem repararem na perfidia e na traição de quem as dita!

O desengano não tardou. Veio com a reunião d'um congresso em Lisboa. O momento era grave. O partido carecia d'uma organização forte e poderosa. O desalento era grande, a frieza era geral. As luctas latentes entre radicais e conservadores começavam a explodir com violencia. Uns sabiam da cadeia, outros iam para a monarchia, outros iam para casa. Era preciso incutir na massa o enthusiasmo, lançar as bases d'algun empreendimento que se visse, precisar principios para fortalecer os homens. E que melhor empreendimento, que maior serviço, que melhor base de conducta do que a elaboração do programma que nos falta? Como se comprehende um partido sem programma? Com que direito reclama o agrupamento republicano a suprema direcção dos negocios do Estado, se

quaes as garantias que lhe dá? São perguntas altamente justificadas que o paiz, principalmente a parte intelligente do paiz, nos faz todos os dias. Era e é preciso responder-lhe, para se arrancar aos adversarios um argumento poderoso e fulminante. Entretanto o programma não se fez. Porquê? E o sr. Magalhães Lima que nos responde na *Revolta* d'um Portugal nem os partidos nem os governos tem programma certo e definido. Anda tudo ao acaso, á matroca, sem plano, sem ideias, sem convicções. Uns entram na politica por ambição, outros, por vaidade e amor proprio e quasi todos por interesse. Muito bem! E é por andar tudo á matroca, sem plano, sem ideias, sem convicções, que nós queremos ter a independencia superior de estarmos cá distantes a castigar essa matroca toda. E é por andarem uns na politica por ambição, outros por vaidade e amor proprio, que o congresso se limitou ao espectáculo pouco edificante de disputar *penachos*.

Impenitentes, teimosos, rebeldes, repellindo-nos na questão do programma, não nos convidando para o congresso senão á ultima hora para não termos tempo de lá ir, recebendo-nos na ponta das bayonetas na ultima questão religiosa, que esperaveis de nós? O que estamos a fazer, isto é, a continuação d'esta lucta sem treguas, que julgámos cada vez mais proveitosa ao paiz e á causa democratica. Nem mais, nem menos. Não tendes de que vos queixar, nem de que nos accusar. Terminaremos.

UM PETULANTE

Tem-se dito e escripto os maiores absurdos por ahí; tem-se sustentado as maiores incoherencias, os principios mais nefastos á democracia, as doutrinas mais reaccionarias, as theses mais erradas e mais tolas. Os nossos republicanos, os reformadores d'este paiz, a esperança da patria, os Messias prometidos, acabaram de dar a ultima prova da sua capacidade, dos seus ideaes e das suas convicções. Se por felicidade do seio do partido não tivesse surgido uma reacção valente a tamanhos desvarios, se um grupo ousado e numeroso não houvesse tido o desprendimento necessario para protestar contra a falsificação dos principios mais sagrados da democracia, o agrupamento republicano português estaria a estas horas deshonrado na historia e porventura condemnado na consciencia publica.

Porem ainda faltava encher a taça. Faltava dar a ultima nota na degradação d'esses politicos. Faltava que certo aspirante a sabio, certo doutor ancoritarrico, inchado com os seus ridiculos serviços no estado maior de Moriones e com o incenso que lhe lançam os imbecis da chefatura, viesse em linguagem bordalenga insultar os radicais e proclamar que o sentimento religioso é uma das mais poderosas alavancas da civilização d'um povo, do seu progredir; que é um dos traços mais fundos das nacionalidades, uma das mais energicas forças de cohesão que determinam a autonomia das nações; que é um sentimento alevantado e sublime.

Que o sentimento religioso é uma das mais poderosas alavancas da civilização d'um povo! Isto lê-se, e não ha forças para o commentar. Isto admira-se, d'isto pasma-se, e ao mesmo tempo admira-se a pequenez dos que tem na

conta de sabio o petulante que escreveu aquillo e pasma-se da arrogancia com que se atrevem a disputar o governo d'esta terra, em nome da Republica, os que perfilham taes affirmações!

Até aqui julgava-se que o sentimento religioso perseguindo Galileu, Campanella, Giordano Bruno e todos os homens eminentes em todos os ramos da sciencia, fora um elemento poderoso de bestialidade e não fora um elemento poderoso de civilização. Julgava-se que o sentimento religioso convertendo o homem n'um fantoche movido por um poder supremo, arrancando-lhe a liberdade, a responsabilidade e a consciencia, tendo deixado, pelo que toca á nossa raça, um só poder no mundo—a Igreja, unica fonte do direito,—um soberano só —o Papa—, suffocando todos os productos da razão, todas as aspirações da consciencia, e é fora sempre a mais poderosa alavanca do retrocesso e nunca a mais poderosa alavanca do progredir d'um povo.

«O poder religioso, diz Naquet, estendeu-se ao dominio da consciencia e ao dominio da razão. Não acreditar no dogma tornou-se um crime que a inquisição mais tarde havia de castigar com supplicios cruéis quando a incredulidade se principiou a tornar ameaçadora. A sciencia toda, como disse o sr. Brissson com muita eloquencia n'uma sessão da Assembléa, não teve por objectivo senão a Theologia. Se se estudava historia, direito, metaphysica e dialectica era só como ponto de partida para se chegar á Theologia. O triumpho do dogma era a unica cousa que se tinha em vista.»

«O christianismo, escreve André Lefevre, da mesma fórma que o budhismo e o islamismo, debalde atentou, mas não sem dano para a humanidade, «destruir a propriedade particular, a familia, a organização social e politica.» Foi tão grande a queda que deu n'esse intento atrevido, que se vê obrigado ha muito tempo a repudiar essa parte, essa chave da sua doutrina; chamado a governar os homens, teve de se declarar defensor pratico de tudo que a sua theoria derribava. Guardando o ego, deixou, com muito má vontade, a terra para os homens, com a condição de o dominar de perto e lá de cima, fazendo-lhes pagar caro um direito eventual ao thesouro illusorio que conserva e explora. De sorte que accitando as necessidades da vida social, «falsificou, atrophiou ou desnaturalou» as leis, constantes no seu principio, variaveis nas suas disposições.»

«O direito, continua Yves Guyot, igual para todos, dá ao homem a justiça, como força e ideal. A religião prega-lhe a baixesa de si proprio perante o favoritismo, a protecção, a benevolencia, a graça de todos os senhores. O direito levanta o miseravel, por mais caído e degradado que elle esteja e diz-lhe—trabalha, desenvolve-te e educa-te. A religião lança-o ainda em maior abjectão e diz-lhe—humilha-te. O direito diz-lhe pensa e procedê. A religião, cre e obedecê.»

«Debaixo da monarchia pura (a catholica), conclue Alexandre Herculano, a sociedade moral e economicamente gangrenada, caminhava para a dissolução.»

Todos estão d'accordo n'este ponto, desde os mais radicais até aos conservadores como Herculano e Guizot. Todos concordam em que o sentimento religioso, principalmente quando chegou ao apogeu, apogeu em que esteve por alguns seculos, foi um obstaculo terrivel á marcha da civilização. Mas vem agora um borrabotas, que por vergonha se diz republicano, e afirma com um despalte sem igual, por entre uma saravada d'insultos para os que defendem honradamente os principios avançados, que o sentimento religioso é uma das mais poderosas alavancas da civilização d'um povo! Oh academia real das sciencias, como aquelle homem te faz falta!

Se a religião é a antithese da sciencia, se a sciencia é o unico motor da civilização e do progresso, pela historia, pela philologia, pela physica, pela mathematica, pela chimica, pela physiologia, pela biologia, pelo astronomia, etc, como quer este doutor, que não sabe o que estuda, que a negação da sciencia seja uma das mais poderosas alavancas da civilização e do progredir d'um povo?

Se a religião representa o predomínio do subjectivismo, e por ahí marcha até á loucura, em opposição á sciencia que representa o objectivismo, como quer esse philosopho regenerar a humanidade por meio dos sentimentos religiosos? E é isto que nos diz que «coçamos atraz da orelha se nos perguntar o que é uma religião!!!»

Mas não contente com a asneira, ainda repete que o «sentimento religioso é um dos traços mais fundos das nacionalidades, uma das mais energicas forças de cohesão que determinam a autonomia das nações!»

Rapazinhos que estudaes historia, vinde ensinar a este typo o que sabeis. Vinde-lhe dizer que sempre fostes em toda a parte e sempre ovistades dizer que foi o predomínio catholico-feudal e catholico-monarchico que degradou as nações da nossa raça. Vinde-lhe dizer que a «força de cohesão» que conheceis, é a força originada pela guerra dos albigenses e a guerra fratricida da reforma, não contando muitas outras. Vinde-lhe dizer que vistes uma força poderosa de cohesão nas nacionalidades portugueza e hespanhola com a expulsão sangrenta dos judeus. Vinde-lhe dizer que conheceis a autonomia hespanhola mais assegurada de que nunca no regimen de Carlos IV, e a portugueza no regimen de D. Maria I e de D. João VI, por effeitos da santa religião! E' extraordinario!

Quanto ao sentimento religioso ser alevantado e sublime, responde-lhe Michelet por nós, que não tinha nada de materialista!

«Durante quinze seculos, nunca o pobre padre ponde comprehender a creança e adivinhar a mãe. Perseguiu a Virgem e abandonou Notre-Dame. Tu farás o que elle não fez, homem moderno! Ha de ser essa a tua obra. Basta só que na altura do teu génio abstracto, não tenhas desdem pelas mulheres, nem dasdem pelas creanças. Diz-lhes o que é a sciencia e o mundo, que ellas te dirão o que é Deus.»

Que grandissimo petulante, que não é esse sabio da Republica!

Mas ainda lhe faltava dizer mais alguma cousa. Faltava-lhe dizer:

«O que pôde fazer a republica no intento de arrancar do cerebro de cada cidadão portuguez as creanças religiosas que lá existem? Como destruir o que ahí está impresso, não só pela acção da educação ministrada por todos os meios por que ella se pode adquirir, mas ainda pela acção lenta, incessante, de milhares de annos de trabalho cerebral uniforme em materia religiosa?»

Pode fazer simplesmente o que ninguém fez consigo, ao que parece:—ensinar bem a ler e a escrever cada um d'esses cidadãos. Pode simplesmente mudar com energia e previdencia, por meio de leis e trabalho bem pensado, essa educação que lhe parece inatacavel. Não é preciso mais nada para que a sciencia siga o seu caminho e produza os seus suaves e beneficos effeitos. Mas reparem os leitores n'estas perguntas não menos absurdas do que as affirmações que já citámos. Vejam, não se esqueceram de que um homem que se diz republicano pergunta o que a Republica ha de fazer para destruir a ignorancia! Seria torpe, se não fosse d'uma imbecillidade sem igual. Mas é de tal imbecillidade, que elle mesmo vem logo dizer abaixo que as creanças religiosas são cede-m o passo ás verdades da sciencia e que é propagando estas que se dissipam aquellas. E pergunta então o que é que a Republica ha de fazer para destruir as creanças religiosas! Que sabio, que talento, que génio! Vá, vá para a academia real das sciencias, que lá é que é o seu lugar.

Eram bastantes as asneiras que ahí ficam; eram de sobra os disparates. Entretanto ainda não é tudo. Faltava-lhe dizer:—O que tem a fórma de governo republicana, como qualquer outra, com a religião? Estamos hoje porventura em 1793? Queremos novamente enthronisar a deusa razão?»

Estamos hoje porventura em 1793? O que tem a fórma de governo com a religião? Quer dizer:—nós podemos lá fazer o que fez a republica da 1793? E' possivel, cabe na cabeça d'alguem que tenha senso, que a Republica portugueza faça hoje o mesmo com a religião que fez a primeira republica franceza? E' impagavel. E' este o «sabio» que vem

dizer dos outros, insultando-os, que se não de ficar a rir tolaemente se lhe perguntarem o que é politica. Um atrevido, que nunca escreveu senão banalidades doutrinarias, que nunca soube tratar a fundo uma questão politica, que ainda agora n'este artigo dá provas da maior ignorancia e da mais funda incapacidade!

Pois o que fez a Republica de 93 com a religião, seu ignorante, senão secularisar o estado, separando as agerjas da governação publica, de que resultou a maior segurança para ella, e a maior fraqueza para o clero, mas sem violencia nem desrespeito para ninguém? Ousa fallar em 93! A maneira, porque n'essa epocha o Estado se separou da Igreja, maneira simples, respeitosa e legal, é a prova mais evidente do absurdo e da toleima com que o sr. e congeneres, que admittem quando muito a separação referida para 100 annos depois da Republica proclamada, se envolverem n'esta questão. Os congeneres admittem-na para 100 annos depois. Elle nem isso, como se vê das suas interrogações. Não admittê que se faça o que se fez em 1793 e em 1793 ou um anno depois não se fez e não separar simplesmente a Igreja do Estado! Porem toquem n'este ponto importantissimo, já que elle veio para aqui, E' fulminante para todos esses imbecis.

Foi a 18 de setembro de 1794 que a gloriosa republica declarou que não sustentaria nenhum culto. A essa lei seguiram-se outras, até 1801, que completaram, desenvolveram e asseguraram aquella. Taes foram as leis de 3 ventosos anno III, do 11 de abril anno III, do 20 de fructidor anno III, do 7 de vendémiaire anno IV, do 7 de nivôse e do 2 de pluviôse anno VIII. Por uma d'estas leis, nenhum padre poderia exercer o seu mister sem prestar primeiro obediencia á Republica na municipalidade em que o queria exercer. O resultado d'este conjunto de disposições foi admiravel. Os padres gozaram da maior das liberdades e de toda a tolerancia, mas fizeram-se humildes e mansos como uns cordeirinhos. Tirando um ponto ou outro isolado, não houve resistencias nem pragações contra a Republica. Emquanto esta seguia o seu caminho dilacerando a si propria, o clero chegava á ultima fraqueza, perdendo terreno com uma rapidez extraordinaria. Bem dizia Pi y Margall no seu ultimo discurso—A Igreja é forte com os dobeis e é debil com os fortes!

«Senhores, exclamava no parlamento francez Jules Roche que não é um exaltado, ha uma dupla lenda sobre a separação da Igreja do Estado.

Por um lado pretende-se que a separação da Igreja do Estado foi a organização da perseguição religiosa e que foi Bonaparte que levantou os altares e que abriu os templos aos que precisavam de adorar a divindade; por outro lado pretende-se que a separação da Igreja do Estado deu, sob o ponto de vista republicano, sob o ponto de vista revolucionario, o unico que nos interessa, os resultados mais deploraveis e mais perigosos, que fortificou a Igreja e perdeu completamente a Republica.

Tenho ouvido sustentar esta these. Mas se lançarmos um golpe de vista sobre os acontecimentos que se succederam em Franca desde 1794 até á Concordata, até á lei de 18 germinal anno X, veremos que essa dupla lenda é absolutamente contraria á realidade das cousas; que os cultos não foram perseguidos, que eram absolutamente livres, mais livres do que nunca, e que esse regimen de liberdade, bem longe de ter fortificado essa instituição politica que é inimiga do Estado, da sociedade civil e que se chama a Igreja romana (muito bem, muito bem, na esquerda) arruinou-a completamente.»

De facto, os 101 prelados que se reuniram em Paris no famoso concilio nacional nos seus boletins a sua satisfação pela liberdade que o governo lhes concedia. Além d'isso, no acto 1.º do seu decreto estabeleceram que «todo o catholico francez deve as leis da Republica uma submissão sincera e verdadeira.»

«Não é essa, continua Jules Roche, a linguagem actual dos nossos prelados (muito bem, muito bem, na esquerda)»

«E no art.º 2.º que a Egreja gallicana não admite entre os seus pastores quem não tiver manifestado a sua fidelidade à Republica e não tiver dado as garantias exigidas pela lei.»

«Além d'estas, muitas outras manifestações de obediencia e submissão. Uns borregos, uns borregos!»

«Como vêdes, senhores, a Egreja romana tinha perdido todo o seu poder, estava completamente arruinada.»

Forte com os debéis, debil com os fortes! E sahe-nos um «sabio» pela proa a perguntar-nos se queremos enthronisar a deusa Razão, e se julgamos que destruímos a religião «destruindo egrejas, (1) queimando imagens de santos, (2) assassinando padres» (3) Que ignorante tão boçal! O sr. bem demonstra a necessidade de se enthronisar a deusa Razão!

Ainda nos fália na influencia do mau padre, como se o mau padre tivesse muita influencia, e ergue-se furioso a gritar com que direito, em nome de que principio social, politico, moral e scientifico pretendemos averiguar se os livres pensadores se casam civil ou catholicamente! Com o direito de cidadãos que não pretendem ser ludibriados pelos que censuram nos outros os proprios erros. Em nome do principio social, politico, moral e scientifico da coherencia, esse grandissimo principio que tem levado este e outros badamecos a vergastar os homens de todos os partidos, como fizeram ha pouco, e com razão, ao sr. Oliveira Martins e ao sr. Marianno de Carvalho. O homem particular não deve a ninguém obrigações e pode-se casar como quizer. O homem publico deve obrigações a si e á sociedade que o escuta. Por isso cabe-lhe o dever de harmonisar os seus actos com as suas palavras. Foi isto sempre que se disse, seu baixo insultador!

Devolta com tanta asneira veem os ultimos insultos para todos os raliões. Só vale a pena mencionar um d'elles em que o figurão, fallando na generalidade, nos accusa de sermos na maioria pagos pelos adversarios. Reparar todos os que entraram nesta questão: — os que defendem os principios avançados, os exaltados, são muitas vezes, ou na maioria, pagos pelos adversarios! Tudo se diz menos isto, que prova a tolerancia d'esses «republicanos», tolerantes, como já lhe disseram, com os padres e intolerantes com os democraticos. Isto não se diz em caso algum, principalmente n'uma questão de principios elevados. E quem vae por capricho, ou por odio, ou por irritabilidade, propalar accusações que se não provam nem demonstram, arremessar calumnias infamantes a quem pode seguir um caminho errado, mas que só tem o fito de servir a causa democratica, não tem sequer imputação e quem lhe responde n'esse ponto mais se degrada, que se eleva. Já agora não seremos nós, que pelo insulto baixo, soez e deshonroso, continuaremos a apelintrar a imprensa portugueza, já por isso tão baixa e apelintrada. Que se lembre entretanto o insultador de que tem sido esses vomitos, vomitos caluniosos e «tolerantes», que mais tem prejudicado e dividido o partido e que de certo hão de originar ainda desagradaveis conflictos.

A IGNORANCIA

EXALTADA POR UM REPUBLICANO

Em discussão com a Folha do Povo o redactor da Verdade escreveu isto:

«As religiões mais perfeitas todas encerram codigos de moral, e é esta moral, boa ou má, a unica que se impõe á ignorancia cracissima dos analphabetos. Felizmente os srs. não conformistas não podem destrui-la porque os analphabetos não sabem ler.»

Se soubessem, só por meio das bayonetas poderia haver ordem.»

Homens livres, amigos da instrucção, apostolos fervorosos do progresso, velae o rosto de vergonha. Ha em Portugal um republicano que ousa afirmar por entre os clamores unisonos do applauso de muitissimos dos seus correligionarios que só poderia haver ordem por meio das bayonetas, se os analphabetos soubessem ler!!!! Passando a correr por essa dos analphabetos que não sabem ler e pela satisfação com que o nosso adversario diz que não podemos destruir a moral da religião, declarando ao mesmo tempo que essa moral pode ser má, não temos commentarios a fazer. Que os façam os homens de todas as escolas e de todos os partidos, não esquecendo que tal afirmativa é feita por um chefe do partido republicano portuguez ou por um membro do directorio.

TENHAM DÓ DELLES!

No almanach inglez para 1886 da National Secular Society's editado por Charles Bradlugh, o celebre deputado inglez, livre pensador, que tamanha agitação tem feito na Inglaterra, «eleito em vezes successivas com uma presistencia e uma tenacidade admiráveis nos eleitores pelo grande centro de Nortampton, emfim n'um dos almanachs mais notaveis e de maior tiragem no mundo, lê-se o que se segue a proposito da questão religiosa que temos debatido:

«Os chefes republicanos, posto que realmente livres pensadores, (que se dizem, acrescentamos nós) ainda seguem externamente as praticas catholicas; não podem passar sem christianisar os filhos; não hesitam em jurar aos santos evangelhos; alguns assistem regularmente á missa e até vão aos padres confessar os seus peccados! Entre os republicanos mais conhecidos só Teixeira Bastos e Carrilho Videira são casados civilmente e só Alves da Veiga, Emygdio Garcia e Silva Lisboa registam civilmente o nascimento de seus filhos.»

Em 1882 tentou-se estabelecer em Lisboa uma Associação de Livres Pensadores. Convoconse uma reunião publica e Theophilo Braga, Teixeira Bastos, Carrilho Videira, Eduardo de Almeida e Rosa Limpo foram eleitos para formar o comité de elaboração dos estatutos, os quaes, depois de previamente submettidos á approvação geral, foram publicados no Almanach Republicano para 1873 e publicados separadamente. A Associação teve, porém, vida muito curta, porque muitos dos seus directores não quizeram esperar nem foram ás reuniões successivamente convocadas. Só o comité primitivo foi assiduo, mas a sua acção isolada era inefficaz para impedir o desanimo e a dissolução preparada por aquellos politicos que não comprehenderam a necessidade d'uma associação de tal ordem.

Agora, um pequeno grupo de individuos intelligentes está empenhado em fazer reviver aquella associação sob o nome de Associação Propagadora do Livre Pensamento (Freehought Propagandist Association), associação que se propõe publicar um boletim de propaganda.

Os socios fundadores são Eduardo de Almeida, Azedo Gineco, Corregedor da Fonseca, Agostinho Ramos, Antonio Quadros, Antonio Guedes, J. Cruz, Fernando Silva, Fajardo, Bartholomeu Rodrigues, Teixeira Bastos, Carrilho Videira e Reis Damaso.

O fim d'esta associação é emancipar o espirito publico das credences religiosas por meio da propagação da sciencia, a unica aspiração e o unico poder dos nossos dias.

Em opposição áquella associação os jornaes republicanos Seculo e Semana de Loyola estão organisando uma associação anti-jesuítica (an anti-jesuitic association) e foram eleitos alguns individuos, entre os quaes Ernesto Loureiro, Magalhães Lima e Silva Graça (estes dois ultimos não foram eleitos para isso) para organisar os estatutos. O fim d'esta associação é combater os jesuitas e os maus padres. Como apologistas do Christianismo e dos bons padres, esperam attrahir estes ao seu partido sem fazer distincção entre catholicos, protestantes, musulmanos ou judeus. Isto é, não sabem o que querem, tanto em politica como em religião.

Em vez de emanciparem o povo dos preconceitos religiosos, origem de todos os erros e desgraças, limitam-se a combater os maus padres que no fim de contas não são tão prejudiciaes como os bons. D'esta forma combatem o effeito sem se importarem com a causa. Entretanto não é licito esperar que tal associação

tenha futuro; porque se compõe de elementos heterogeneos e não tem base solida em que assente.

O que trabalha sem prescencia e sem firmes convicções mais compromette do que serve a causa que defende.»

Muito bem! Ora aparthem lá essa pela frente! E ainda estes patetas veem com insultos e com gesticulações de sabios! Até aqui, a imbecilidade d'elles não passava da fronteira. Agora começa a correr mundo, n'um livro d'enorme tiragem e impellido pela auctoridade Bradlugh. Reparem, reparem no proprio texto inglez para não dizerem que o falsificamos e vejam se se emendam.

«So in politics, as in religion, they do not know what they wish.

Instead of emancipating the people from religious prejudices, that are the origin of all misfortunes and wrongs, they confine themselves to combating bad priests, who are really not so mischievous as the good ones. Thus they combat the results, taking no care of the causes. But we do not expect any future for this association, because it is composed of two heterogeneous elements, and has not a strong base. He who labors without foresight and steady convictions hurts, more than he helps, the cause that he defends.»

«So in politics, as in religion, they do not know what they wish. Instead of emancipating the people from religious prejudices, that are the origin of all misfortunes and wrongs, they confine themselves to combating bad priests, who are really not so mischievous as the good ones. Thus they combat the results, taking no care of the causes. But we do not expect any future for this association, because it is composed of two heterogeneous elements, and has not a strong base. He who labors without foresight and steady convictions hurts, more than he helps, the cause that he defends.»

Bem lhe temos nós dito que d'esta vez é que quebraram o nariz!

A ULTIMA BOFETADA

Segundo annunciam todos os jornaes de Lisboa, o sr. Dr. Theophilo Braga adheriu á Associação Propagadora do Livre Pensamento e resolveu collaborar no Livre Exame, orgão d'aquella associação. E' o golpe de graça nos da Anti-jesuítica. Gabavam-se de ter ao seu lado os homens mais distinctos do paiz. O sr. Ernesto Loureiro não se fartava de o apregoar, como se esse argumento valesse d'alguma cousa para a resolução da pendencia doutrinnaria que se originou no partido. Mas á falta d'outro, agarravam-se a esse como á ultima tabua de salvação.

A tabua apodreceu, como se vê. O sr. Theophilo Braga, a maior capacidade do partido, uma das eminencias scientificas do paiz, apressou-se a salvar a sua responsabilidade, logo que chegou a Lisboa, pondo de parte os tristes que andam por ali a falsificar a doutrina democratica, para seguir sereno o caminho que nos ensinam a todos. E assim respondeu ás desconfianças que sobre a sua conducta se estavam originando na questão momentosa que se debate. Por nós e por elle nos felicitamos vivamente.

DOCUMENTO IMPORTANTE

E' tão extraordinario o documento que se segue, que não achamos palavras para o commentar. Representa a ultima das infamias. E ha um republicano que afirma que a democracia portugueza goza a larga tolerancia dos arraiaes contrarios! Parece que o documento, que se tornou conhecido por circumstancias excepcionaes, era dirigido ao sr. Barjona.

«Ministerio dos Negocios Estrangeiros.—Gabinete do Ministro.—Particular.

«Ill.º e Ex.º Sr.

«Meu presado collega e amigo. «Ha razões muito fortes para suppôr que se está tramando activamente em Lisboa e Elvas contra a ordem publica de Hespanha.

«Presume-se que é principal

agente das combinações revolucionarias um Salvochea, antigo deputado republicano, segundo se cre actualmente em Lisboa. Urge apanhal-o e expulsal-o d'aqui.

«São-me apontados com insistencia um tal La Rosa, director do jornal El Gallego, que se publica em Lisboa, e França Netto como agentes e propagandistas aqui. Parece que o tal La Rosa é o encarregado da distribuição do manifesto de Zorrilla. Convem fazer vigiar estes 2 senhores afim de se descobrir quaes são os individuos com quem estão em combinação, etc.

«E' preciso tambem fazer vigiar o commandante Castillo, foragido hespanhol, o qual está com os outros 2 dirigindo aqui o movimento revolucionario. Supponho que a Legação de Hespanha pedirá a expulsão d'este senhor.

«A actual situação da Hespanha está animando os fautores de conspirações, e por isso precisa augmentar a nossa vigilancia.

«Bem sei que temos mal organizada a nossa policia; porém, ainda assim, creio que alguma cousa se poderá fazer se o Governador Civil e Commissario Geral quizerem occupar-se d'este assumpto.

«Desculpe V. Ex.ª a importunação e creia-me seu collega e amigo veneravel»

J. V. BARBOSA DU-BUGAGE.»

A TRAVESSIA DE CAPELO E IVENS

Publicamos em seguida uns breves periodos da interessantissima resenha apresentada pelos illustres exploradores, acerca da sua travessia, na sessão solemne do theatro de S. Carlos, de Lisboa:

Incendio d'uma floresta

Logo que transpusemos o Cubango, a região pantanosa começou a zombar de nós.

Começou então uma das gravissimas situações por que muitas vezes passou a expedição a nosso cargo.

Extenuados, cheios de canção, apertados de um lado pelos pantanos, do outro pelas terras desconhecidas do Oriente, acossados de subito pela fome que derradeiramente nos perseguia, parte da gente, conluindo-se, combinou uma deserção, e, pela noite de 21 de julho, abalaram, roubando-nos tudo quanto podiam.

Vai demasiado longa, senhores, e mihiuciosa esta narração, para que vos possamos contar as angustias d'esta noite fatal; noite terrivel, em que tivemos de largar fogo a uma floresta inteira, na previsão de cercar aquellos que suspeitavamos n'ella escondidos.

Foi uma caçada diabolica, em que nós e os restantes que nos haviam ficado fieis, de carabina em punho, agitando-nos pelo meio d'esses bosques em chammas, como uma horda de demonios, jogavamos n'uma cartada de vida ou morte.

Ou morres, ou ségues ávante, era o grito-lemma dos expedicionarios portuguezes, ao abeirar-se ou encontrar pelo escuro aquellos que os queriam abandonar e roubar.

Desde esse dia até áquella em que tocamos no Zambeze, a marcha foi para nós um soffrer lento, que a todo o momento cruciavam tentativas de roubos, fugas, mortes e fomes.

Os elephantes

De 150 metros de largo, o Cabompo é um dos maiores afluentes do Zambeze, cuja navegação de um para o outro está interrompida por uma cachoeira, obra de dois dias a montante da confluencia.

O terreno começava a elevar-se gradualmente, a sua natureza a modificar-se de silicioso a argi-

loso vermelho, a vegetação crescera, e, fechada, sombria, mais vi riada que no valle, offerece apprizível recurso aos grandes quadrupedes que a povóam.

Foi aqui que topámos com grandes bandos de elephantes, e que pela primeira vez em nossa viagem observamos os monumentaes destroços operados no arvoredo pelo collosal páquiderme, e escutamos pela noite o estrondear medonho do arvoredo, derribado pelas suas possantes trombas.

O soba Muchiri

Muchiri, soba d'esta grande terra (a Garanja), teve connosco duas amigaveis entrevistas em sua Quimpata de Bunqueia.

Voltava elle de uma guerra de cinco annos e meio intentada contra um regulo de Urua, onde tivera uma entrevista com os exploradores Bohim e Reichard, o primeiro dos quaes falleceu junto ao Lualaba em Catapena, e o segundo parece não ter sido muito feliz em suas ralações.

E' homem de 60 annos, agigantado em estatura, um permanente sorriso nos labios, mesmo em meio das catástrofes; tyranno até á barbaridade, executava por suas proprias mãos aquelles que por seus actos incorriam no seu desagrado; tendo começado a carreira por assassinar pai e mãe, e terminado por acabar com todos os filhos do seu bemfeitor, o homem que lhe deu o estado que ora governa, e uma filha em casamento, o triste soba da Cataliga.

Uma das razões, senhores, por que mais nos felicitamos, é sem duvida áquella de havermos feito uma travessia sem disparar um tiro, contra quem quer que fosse; e se algumas vezes, lançando mão das armas, nos votavamos decididos á lucta, era só na extrema necessidade da defesa, e nunca para aggreddir ou castigar aquelles povos por onde passámos.

Assim vos affiançamos sob nossa palavra de honra que atraz da expedição portugueza não ficou a mais singela dissensão, o menor despeito com relação a portuguezes, e que todo aquelle negociante, ou quem quer que seja, que seguindo o nosso itinerario abórdar as terras dos regulos onde estivemos, encontrará n'ella a melhor disposição e a mais franca hospitalidade.

Carta de Lisboa

16 de outubro.

Lijattar-me-hei hoje a procurar algumas noticias aos jornaes.

Segundo o Manchester Evening News o jornal Matin publica um protesto muito significativo assignado pelos reis e principes de Boima, e todos os soberanos indigenas do Congo, contra a entrega dos seus dominios á Associação internacional africana, cuja auctoridade se negam terminantemente a reconhecer declarando que não reconhecem outra nem outra bandeira que não seja a portugueza.

Cã ira. Essês tartufos estrangeiros hão de se convencer de todo de que não ha paiz com mais influencia em Africa do que Portugal.

—Deu-se esta semana uma desgraça lamentavel na rua do Amparo. Andando um rapazito a brincar, montado no corrimão do ultimo lance do 4.º andar da casa n.º 13, escorregou e cahiu com tanta infelicidade que fallecia horas depois.

—Montem de manhã deu-se outra grande desgraça em Alcântara. Na fabrica de fundição da Rua Vieira da Silva havia-se recebido uma porção de sucata e com ella umas poucas de balas e morteiros. Vendo Antonio Garcia, de 21 annos de idade, filho do dono da fabrica, que estava carregada uma granada, tirou-lhe uma porção de pólvora e para verificar se tinha ficado completamente lim-

pa, teve a imprudencia de lhe chegar um phosphoro. Como a granada não estivesse limpa, produziu-se uma explosão medonha. O infeliz foi erguido a grande altura e arremessado contra uma parede, ficando feito em bocados. Um irmão mais novo, que estava perto, foi lançado a alguns metros de distancia, soffrendo porem contusões de pouca gravidade. Outros operarios que alli se achavam só foram salvos devido a uma barra de ferro que tinham na frente e que ficou fendida.

—Ha dias, varios contrabandistas, em numero de 30, tentaram forçar o cordão em Travancos, Traz os Montes. Resistiram-lhe corajosamente quatro soldados de caçadores 2, que sustentaram fogo com os contrabandistas até queimarem o ultimo cartucho e seriam victimas se um corneta não fizesse os toques de *alarme e unir*, a que acudiram alguns soldados e o tenente Borges, comandante da força e um bom official. Os contrabandistas foram postos em debandada e perseguidos. Os soldados foram elogiados e um d'elles elevado a cabo.

—Passou-se em Setubal um drama de amor, ha poucos dias. Libia da Conceição, esbelta rapariga de 20 annos, namorara um rapaz, Manuel de Jesus, com quem estava para casar. Manuel de Jesus adoeceu gravemente, chegando a um estado moribundo. Libia foi-o visitar e desesprou ao vê-lo n'aquelles extremos. Sabiu lavada em lagrimas de casa do namorado e precipitou-se no primeiro poço que encontrou. Acharam-lhe o cadaver no dia seguinte. Entretanto o namorado está já livre de perigo e vaee melhorando successivamente. O desespero, a precipitação são sempre prejudiciaes.

—Ante-hontem, um individuo que se mettu n'um bote em direcção ao vapor das ilhas, deixou no caes por esquecimento um sacco com 400 libras. Lembrou-se d'elle a meio do rio e fez retroceder o bote para o procurar. Mas não o encontrou. Provavelmente nunca mais o encontrará.

—Esqueci-me de fallar, na minha ultima carta, na eleição dos corpos gerentes da associação anti-jesuítica. Foi esquecimento proveitoso, para levar isto por pequenas doses.

A referida eleição representa a queda completa da anti-jesuítica. Ora vejão. Foram eleitos:— para a assembleia geral— Ernesto Loureiro, Azevedo e Silva, Ferreira Moraes e Alves Corrêa. Para a direcção:— Consiglieri Pedroso, Magalhães Lima, Eugenio Silveira, Gomes da Silva, Silva Graça, Mello Junior e Ricardo Cardoso. D'estes onze, oito pertencem á administração e redacção do *Seculo*. Pasmem d'esta popularidade! Foi preciso metter toda a gente de casa, porque de fora não os tinham. Ora para quem queria Dias Ferreira e Silveira da Motta para os altos cargos, parece-me que não é signalde gloria nem de adhesão encontrar só os empregados da casa, e alguns, empregados subalternos.

La marée monte!

Y.

PARA RIR

Súcia de ignorantes, súcia de tolos, súcias de pretenciosos sem valor, que se estendem por esse paiz fóra. E' de pasmar tanta imbecillidade e tanta ignorância. Todavia, não os ha como estes cá da terra. Roubarém os bocadinhos d'espaco para lhe dar um piparote.

Quereis vêr como elles dividem os partidos politicos da França?

Ultramontanos—chefe conde de Mun. Orleanistas, chefe De la Fosse. Bonapartistas chefe—Cassagnac. Moderados—chefe Ribot. União Republicana—chefe Fer-

ry. União democratica—Floquet, Brisson. Esquerda radical—Clemenceau. Extrema esquerda—Madiet de Montjan. Anarchistas—Barodet. Não ha uma cousa assim! Fiquem então sabendo, sua burra, que Cassagnac não é o chefe dos bonapartistas. Que De la Fosse não é o chefe dos orleanistas. Que Floquet e Brisson pertenceram sempre á esquerda radical e nunca á União Democratica. Que Clemenceau nunca foi chefe da esquerda radical, porque sempre foi o chefe *considerado* da extrema esquerda. Que Madiet de Montjan sempre foi o orador mais brilhante da esquerda radical. E que Barodet nunca foi chefe dos anarchistas, porque foi sempre um dos membros mais considerados da extrema esquerda. E que novo grupo é esse dos moderados? Trocou tudo, o pateta!

Já é sêr ignorante.

NOTICIARIO

Nesta redacção compram-se os exemplares do *Povo de Aveiro* n.º 187.

As assembleias para a proxima eleição da maioria municipal, no dia 1 de novembro, ficaram assim constituídas:

Na de Nossa Senhora da Gloria votam os electores d'esta freguezia e da de Vera Cruz.

Na da Oliveira votam os electores d'esta freguezia e os das de Tirol, Eixo e Arada.

Na de Esgueira votam os electores d'esta freguezia e os da de Cacia.

Na de Mamodeiro votam os electores das freguezias de Riqueixo, Palhaça e Nariz.

Estes dias do outomno que vamos atravessando lisongeiam pouco a quadra. São frios em demasia, acompanhados d'um vento norte que nos açonta desapiedado.

Os trages ligeiros vão, pois, descancar, porque os prenuncios da estação glacial se manifestam de forma tão desagradavel.

Em compensação, porem, esta intemperie actua, mais rapidamente sobre a purificação do vinho novo. E os *dilettanti* esperam com ansiedade o período em que o divino nectar possa ser libado... com parcimónia e sem sustos.

Na rua de S. Martinho houve n'um dia d'esta semana um desgastado por demais indecente. Os ditos obscenos eram jogados sem o mais leve respeito pela moralidade publica e pelas pessoas que habitam proximo do local.

Consta-nos que aquellas scenas porcas costumam ter lugar ali repetidas vezes. Pois era conveniente fazer sentir a esses individuos que é muito feio proferir obscenidades e provocar os conflictos escandalosos que dão áquella rua a apparencia de uns bairros, cujo nome nós calamos por decoro.

Lembrámos isso á auctoridade administrativa.

As sr.ªs D. Laurinda e D. Amelia de Moraes Sarmento, filhas do nosso patricio sr. Anselmo Evaristo de Moraes Sarmento, director e um dos proprietarios da *Actualidade*, matricularam-se na Academia Polytechnica do Porto, com destino á Eschola Medica.

A reforma das alfandegas vaee encontrando difficuldades na sua execução.

A excepção de dois ou tres guardas dos que fazem parte da guarnição do posto fiscal d'esta cidade, todos os outros recusaram-se abertamente a aceitar os encargos da disciplina militar a que a nova reforma os subjeita.

Consta-nos que fóra superiormente ordenado que se tacteasse

o animo dos guardas a tal respeito e que o funcionario encarregado d'esse serviço se não conduzira muito cortezmente com os subordinados que se negaram a *assentar praça*.

Em vista d'esta resistencia, que deve ter sido quasi geralmente secundada por todo o corpo da fiscalisação externa das alfandegas, não é facil aventar que novas theorias ella inspirará ao auctor da decantada reforma aduaneira.

Em Valdilhavo grassa com intensidade a epidemia variolosa, tendo feito já muitas victimas.

A molestia ataca com insistencia não só os menores como tambem os adolescentes.

Referem-nos que em Ilhavo foram ha dias effectuados os registos de dois recém-nascidos, na administração d'aquelle concelho, sendo ambos no mesmo dia.

Para tirocinio n'uma terra que sendo tão populosa, se tem conservado notavelmente indifferente aos ideaes das modernas conquistas de liberdade; para uma povoação importante mas viciada ainda por uma densa neblina de credulices e pelo halito do clerico que por lá arrasta uma vida toda... mystica, é forte.

Um infeliz ex-soldado da guarnição de Macau, paralytico d'um braço e profundamente extenuado pelo serviço militar, foi posto no andar da rua. Como unico recurso para mitigar a sua desventura, estendia em Lisboa a mão á caridade publica. Pois o governo que o explorou, arremessando-o depois de arruinado, á margem, nem aquelle infimo meio de vida lhe consentiu e fel-o conduzir debaixo de custodia e a pé desde Lisboa até Rezende, terra da naturalidade do infeliz militar.

E' dolorosissimo o quadro e repugnante o procedimento do governo que negou áquella párea uns magros vintens, com que o devia reformar, enquanto a vadiagem é por ahí a cada momento remunerada por serviços que não faz.

Sempre coherentes na crapula estês senhores da monarchia.

Chegaram de Bruxellas, as provas typographicas d'um livro d'archeologia, escripto por o principe D. Carlos.

A familia real tem uma aversão manifesta pelas industrias nacionaes. Como a primeira familia d'um Estado que lhe dá todos os recursos de subsistencia, devia por gratidão ao menos retribuir-lhe os beneficios.

As manufacturas portuguezas rivalisam sem desdouro com as do estrangeiro. Mas suas magestades acham prosaico em demasia dar honras de freguez aos nossos estabelecimentos.

E' ter paciencia com estas magestades.

O nosso correligionario Alfredo Ferreira vaee publicar um pamphleto—*Os fusilados d'Ariosa*—dedicado ao heroe dos acontecimentos d'Ariosa, de lugubre memoria.

Devia ser posto hontem á venda. Os pedidos devem ser dirigidos para a rua do Sá da Bandeira, 75—1.º Porto.

O annuncio—*Prevenção*—que hoje reproduzimos, saiu nos n.ºs 190 e 191 com um lapso typographico que nos apressamos a emendar. Onde se lê:—... tendo *comprado*, etc, deve-se ler:— tendo *arrendado*, etc.

Informa-nos o nosso correspondente de Sever do Vouga que o sr. Manuel Garcia, morador no Palhal, dirigiu-se no dia 5 a Albergaria Velha a casa do sr. Manuel d'Oliveira Campos e d'elle obteve cinco notas de 20\$000 rs. cada uma para remetter em carta

segura aos srs. Bernardino Leite de Faria e Comp.ª, do Porto, sendo o sr. Campos quem fechou a carta e um filho quem a subscipcion. O sr. Garcia dirigiu-se ao correio para a estampilhar e segurar, onde o empregado respectivo a pesou achando-lhe quinze grammas no ouro. O sr. Garcia deixou ficar 100 reis que lhe foram pedidos e retirou-se. Em carta de 7 accusaram os srs. Bernardino Leite de Faria e Comp.ª a recepção da carta incluindo só 40\$000 reis. O envelope remetido para ser examinado apresentava colladas tres estampilhas sobre o fecho. O sr. dr. Miranda, administrador de Albergaria Velha e mr. Chad, guarda-livros da casa Ferreira, declararam que o envelope apresentava signaes de ter sido violado fraudulentamente.

O sr. Garcia partiu hontem para o Porto por motivo d'este acontecimento.

Segundo o testemunho de militares auctorizados, um soldado de cavallaria, uniformizado á moderna, ainda que tenha um fardamento unico, não poderá tel-o pago integralmente quando passar á reserva, se se tomar em conta o abatimento para o rancho!

O pobre soldado não terá um real para fumar ou para mandar lavar a roupa; e o paiz ainda será obrigado a pagar parte da importancia do luxuoso fardamento!

Está marcado o dia de hoje para se proceder em França a novo escrutinio dos candidatos que ficaram empatos. Todos os republicanos concordaram em votar nos candidatos de qualquer matiz republicano que tivesse obtido maioria de votos no dia 4. Espera-se por isso que os radicaes alcançem ainda mais representantes.

O *Evenement* pronuncia-se assim acerca da lucta eleitoral:

«Pariz vingou a Republica. Mais uma vez foi Pariz a alma e a virtude da patria. Fez justiça. Executoo Julio Grévy e a sua politica, a 4 de outubro. Concluiu a obra de reparação a 18. Não nomeiará um unico Tonkinez. Muito menos mandará á camara um unico monarchico. O voto de Pariz é a mais brilhante e a mais racional affirmação do espirito republicano. Com uma clareza e uma precisão admiraveis, a grande cidade indicou a orientação da nova politica a seguir: no interior, as reformas democraticas; no exterior, a liquidação das guerras coloniaes e a paz.

Honra a Pariz! Não é apenas a vanguarda da civilisação, é o cerebro da França, o braço da Republica. A França republicana pode ficar tranquilla. Pariz está alerta.»

Falla-se em ser creado no Porto um club de *Livre-Pensamento* em substituição d'uma commissão de resistencia e propaganda anti-jesuítica que pouca vida teve.

A camara de Chaves deve desde o principio do corrente anno as gratificações aos professores primarios d'aquelle municipio.

A da Guarda já não paga a um d'esses páreas, ha nove meses.

Isto é tão vulgar que se torna fastidioso addicionar commentarios. Registámos só.

Parece que o sr. França Netto vaee querellar do ministro dos negocios estrangeiros, José Vicente Barbosa du Bocage por causa de uma carta que este senhor escreveu, que se publicou ha dias no jornal *La España*, e nós reproduzimos hoje n'outro lugar.

Ha dias ao demandar a barra de Villa do Conde o hiate portuguez «Guarde-me Deus», procedente do nosso porto, com carga

de sal, encalhou na areia, proximo da meia laranja.

O piloto da barra, Manoel G. de Sá, que ia ao leme do navio, recebeu tão forte pancada com a caça do mesmo leme, quando o hiate encalhou, que, sendo cuspiço pela boia fora, foi bater contra o caes, despenhando-se em seguida na agoa. Acudiram-lhe rapidamente, mas eram tão graves os ferimentos que o infeliz recebera, que durou poucos momentos.

Está a concurso a cadeira elemental, sexo masculino, de Alfezeirão, Alcobaça; ordenado reis 120\$000.

CONTRA A DEBILIDADE

Recommendamos o Vinho Nutritivo, da Carne e a Farinha Peitoral Ferruginosa da Pharmacia Franco, por se acharem legalmente auctorizados.

Em S. Christovão de Rio-mau, suburbios da Povoa de Varzim, está em perigo um pobre moço, que foi mordido na cabeça por uma vibora.

Andava cegando, herva a tinha pousado o chapéu para o lado. Quando ia a pô-lo na cabeça sentiu-se immediatamente mordido por aquelle reptil; descurando, porém, qualquer tratamento, está hoje em grave perigo de vida.

O mysterioso desaparecimento de um forasteiro que visitou Leiria, depois de ter pousado em um hotel d'aquella cidade, parece envolver um crime.

Um correspondente de Leiria enviou para um jornal de Lisboa promotores do acontecimento sobre o qual correm versões que compromettem o dono do hotel, que já se acha prezo, bem como tres serviciaes.

Diz o citado correspondente: Os promotores que acompanham a prisão não podem ser mais variados, sendo quasi impossivel concluir-se por enquanto alguma coisa de verosimil.

Eis em resumo o que se conta:

Ha mezes desembarcou ou em Pombal, ou em Chão de Maçãs, um individuo, com apparencia de brasileiro, seguindo viagem até Leiria e indo hospedar-se no hotel em questão, entretanto que deixava ao chefe do caminho de ferro duas malas, distinctas pelas iniciaes que se suppõem ser as do seu nome, perfeitamente providas de boa roupa, recommendando que só lh'as entregariam a elle.

As malas ficaram e o brasileiro, ao que parece, trouxe outras duas mais indispensaveis, designadas pelas mesmas iniciaes.

Installado o brasileiro no hotel apenas por duas ou tres vezes sahio de Leiria para visitar a Batalha, Alcobaça e não sabemos que mais e no outro querendo ir á Marinha Grande, solicitou transporte especial ao Rey (dono do hotel) que lhe retorquiu não ter d'aquella vez carro que lhe dispensasse.

A respeito d'isto fazem então corrida outras versões: dizem uns que o brasileiro após a negação do transporte se mettu ao caminho a pé, da Marinha Grande e jámais foi visto nem jámais regressou.

Em todo o caso todos esclarecem que o brasileiro era rico e francamente não concordamos na facil desaparición d'um homem que deixa malas no hotel e no caminho de ferro; incliamo-nos muitissimo a que talvez houvesse um crime e ahí temos a policia averiguando no descobrimento dos criminosos.

João Rey é um d'estes typos que o vulgo não idolatraria se não fóra o dinheiro que possui, não prima nos seus termos de cortezia, chega a ser intoleravel, todavia ouvimos grande numero de individuos duvidarem que lavre n'elle a idéa de crime.

Uma coisa também se apresenta a propiedade da policia e que bastante poderá arremessar Rey ao vertiginoso abismo da opniao publica.

João Rey teve, já lá vão annos, no hotel um outro hospede, ourives, cujo destino nunca ninguém soube.

E' o que murmuram todas as boccas.

Um collega narra a seguinte curiosa historia, que elle diz ter sido importada por um jornal da India:

Ha tempos um joven e opulento rajah de Holkar, estando no gabinete do vice-rei das Indias Inglezas, viu este cortar as folhas dos jornaes com uma faca de marfim.

O príncipe que não conhecia tal instrumento pediu-o ao vice-rei:

—Faça-me presente d'esse instrumento que eu prometto dar-lhe em compensação outro mais perfeicoado.

O vice-rei deu-lhe a cortadeira e o rajah voltou para o seu paiz. Ha cerca de dois mezes o vice-rei recebeu um original—cortapapel— que o rajah lhe enviou. Era nem mais nem menos do que um elephante, novo, com os dentes tallados como cortadeiras, e ensinado a abrir livros e jornaes, trabalho que fazia com a maior perfeição e delicadeza: collocavam-se-lhe os jornaes sobre uma mesa, e o elephante, pegando-lhe com a tromba, cortava-lhes as folhas com todo o cuidado.

BIBLIOGRAPHIA

Almanach Republicano para 1886. E' um excellente almanach, editado pela Nova Livraria Internacional—Rua do Arsenal 96, Lisboa. Deve ser adquirido por todos os democratas, porque a par de todas as indicações do costume sobre chronologia, companhias de caminhos de ferro, trens,

carris etc. contém magnificos artigos de propaganda, as biographias, com retracto, de Theophilo Braga, Jacintho Nunes, Alves da Veiga e Rodrigues de Freitas, o ultimo discurso de Pi y Margall, o programma dos radicaes socialistas francezes, as bases para a constituição do Estado de S. Paulo, no Brazil e breves idéas e pensamentos dos homens mais celebres do mundo. Custa apenas 120 reis.

A Revista dos Estudos Livres—numeros de Julho e Agosto. Um bom artigo de Teixeira Bastos sobre Giordano Bruno, o celebre livre pensador que vai ter agora em Roma um monumento, outro artigo esplendido de Theophilo Braga sobre o mais notavel general portuguez, Gomes Freire de Andrade, morto com ignominia no dia 18 de Outubro de 1817, por conspirar (segundo a accusação) contra o dominio inglez e o despotismo dos Braganças. Alem d'esses, artigos magnificos d'ou-

tros escriptores. Assigna-se na Rua do Arsenal—96—Lisboa.

Sargento-mor de Villar.—Recebemos o 4.º fasciculo d'este romance, de Arnaldo Gama, editado pelo sr. Eduardo da Costa Santos.

Todos os pedidos ao editor, rua de Santo Ildefonso, n.º 4 e 6—Porto.

A Alma Nova, revista semanal de sciencias e litteratura, de que é director Aureliano Cirne.—Saiu o n.º 7, que recebemos.

Assigna-se na rua das Fontainhas, 43—Porto.

Os Miseraveis.—Saiu á luz e recebemos o 5.º fasciculo.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Livraria Civilisação, ao sr. Eduardo da Costa Santos, rua de Santo Ildefonso, 4 a 6 Porto.

Recebemos o fasciculo 18 das **Mulheres de Bronze**, capitulo romance editado pela empreza Serões Romanticos.

Assigna-se na rua da Cruz do Pau, 26—Lisboa.

A Illustração Portuguesa.—Recebemos o n.º 13 do segundo anno d'esta revista litteraria e artistica.

Assigna-se na Travessa da Queimada, n.º 35, 1.º andar—Lisboa.

A Inquisição, o Rei e o Novo Mundo.—Recebemos o fasciculo 40 d'este romance.

Assigna-se na rua d'Atalaya, 18—Lisboa.

Typ. do «Povo de Aveiro»

Rua da Alfandega, n.º 7

SECÇÃO DE ANNUNCIOS

PREVENÇÃO

João Simões Peixinho, tendo arrendado por escriptura publica ao sr. Fernando Estrella o usufructo da herança com que foi contemplado por sua fallecida irmã a sr.ª D. Maria d'Apresentação Estrella, previne por esta fórma os arrendatarios ou foreiros respectivos de que só com o annuiciante teem a entender-se, bem como se não contrate sobre as mesmas propriedades ou fóros com Maria Augusta Estrella, sob pena de ficarem sem effeito, esses contratos.

Aveiro 3 de Outubro de 1885.

João Simões Peixinho.

Uma casa

VENDE-SE, sita na rua de St.º Antonio, n.º 50. Quem a pretender falle com Francisco Moita.

BOM TONEL

VENDE-SE um de madeira de cerne, tampos de castanho, arcaço de ferro e feva para cima de 60 almudes ou 1.200 litros.

Fallar com Manuel Tavares da Graça—Aveiro.

Rapaz para impressor

PRECISA-SE de um com urgencia. Na Loja do Povo se diz.

PRAIA DE ESPINHO

— RUA DO BANDEIRA DE MELLO, 34 —

CASA FILIAL DE MACEDO & C.ª

Simão Monteiro de Carvalho, participa aos seus bondosos amigos e obsequiosos freguezes, que, na fórma dos annos anteriores, transferiu para a praia d'Espinho e durante a epocha balnear, o estabelecimento de modas que dirige n'esta cidade.

Em Espinho espera portanto a sua visita, podendo desde já affiancar-lhes que apresenta este anno um sortido completo de todas as novidades da estação em condições vantajosissimas, sem competencia de outro qualquer estabelecimento.

JOAO AUGUSTO DE SOUSA

COM OFFICINA DE SERRALHERIA

— AVEIRO —

FORNECE ferragens, dobradiças, fechos, fechaduras de todos os systemas, parafusos de toda a qualidade, ferragens estrangeiras, cammas de ferro, fogões, chumbo em barra, prego d'arame, etc.

Café Central

Praça do Commercio em Aveiro

ARRENDASE conjuntamente com os seus utensilios. A quem convier dirija-se á sua donna.

GENEBRA SEM RIVAL

Superior a quantas até hoje teem apparecido no mercado

DA ANTIGA FABRICA DE

C. C. MOREIRA & C.ª

Premiada na ultima exposiçao de Lisboa.

Consumo e acolhimento geral em todo o paiz.

Deposito em todos os estabelecimentos de mercaderia e outros do Porto.

Exija-se a botija e etiqueta com a marca (registada) MOREIRA & C.ª e a rolha com a firma (FAC-SIMILE) dos fabricantes.

HERPES E EMPIGENS

Curam-se em poucos dias com o uso da POMADA ANTI-HERPETICA do dr. Moraes. E' muito util no tratamento das feridas chronicas.

A venda nas principaes pharmacias do reino. Em Aveiro, pharmacia Moura; emphavo, João C. Gomes. Deposito geral, Pharmacia Maia, Oliveira do Bairro.

BANDEIRAS

HA-as de lindos gostos em casa do José Vieira Guimarães, que as aluga por preços modicos.

VICTOR HUGO

OS MISERAVEIS

ESPLENDIDA EDIÇÃO PORTUENSE, ILLUSTRADA COM 500 GRAVURAS NOVAS COMPRADAS AO EDITOR PARISIENSE EUGÈNE HUGUES

A obra constará de 5 volumes ou 60 fasciculos em 4.º e illustrada com 500 gravuras, distribuidas em fasciculos semanaes de 32 paginas ao preço de 100 réis, pagos no acto da entrega.

Para as provincias o preço do fasciculo é o mesmo que no Porto, franco de porte, sendo a assignatura paga adiantada e na importancia de 5 fasciculos.

A casa editora garante a todos os individuos que angariarem 5 assignaturas, a remuneração de 20 p. c.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Livraria Civilisação de Eduardo da Costa Santos, editor, rua de Santo Ildefonso, 4 e 6—Porto.

VENDE-SE

UM phaeton grande, de quatro rodas, em muito bom uso, bem como trez arreios de carro. Nesta redacção se diz.

VINHO NUTRITIVO DE CARNE

Privilegiado, autorizado pelo governo e approvado pela junta consultiva de saude publica

E' o melhor tonico nutritivo que se conhece: é muito digestivo, fortificante e reconstituente. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o appetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forcas.

Emprega-se com o mais feliz exito nos estomagos ainda os mais debéis, para combater as digestões tardias e laboriosas, a dispepsia, cardialgia, gastrodynia, gastralgia, anemia ou inacção dos orgaos, rachitismo, consumpção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescença de todas as doencas aonde é preciso levantar as forcas.

Toma-se trez vezes ao dia, no acto de cada comida, ou em caldo quando o doente não se possa alimentar.

Para as creanças ou pessoas muito debéis, uma colher das de sópa de cada vez; e para os adultos, duas ou tres colheres tambem de cada vez.

Esta dose, com quaesquer bolachinhas, é um excellento «lunch» para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para aceitar bem a alimentação do jantar, e concluido elle, toma-se igual porção ao «toast», para facilitar completamente a digestão.

Para evitar a contrafacção, os envoltorios das garrafas devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1884.

Acha-se á venda nas principaes pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na farmacia Franco, em Belem.

Deposito em Aveiro na farmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

DECLARAÇÃO

Eu abaixo assignado declaro que em lugar de me assignar Antonio Martins Pereira, de hoje para o futuro me assigno Antonio Martins Tavares, em consequencia de outros nomes eguaes que por aqui se encontram.

Senhorinha 15 de outubro de 1885.

Antonio Martins Pereira.

XAROPE phelandrio composto de roza.

POMADA anti-herpetica do dr. Queiroz.

Deposito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

Contra a debilidade

FARINHA PEITORAL FERRUGINOSA DA PHARMACIA FRANCO, unica legalmente auctorizada e privilegiada. E' um tonico reconstituente e um precioso elemento reparador, muito agradável e de facil digestão. Aproveita do modo mais extraordinario nos padecimentos do peito, falta de appetite, em convalescentes de quaesquer doencas, na alimentação das mulheres gravidas e amas de leite, pessoas edosas, creanças, anemicas, e em geral nos debilitados, qualquer que seja a causa da debilidade. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco, em Belem. Pacote 200 reis, pelo correio 220 r. Os pacotes devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1884.

DEPOSITO em Aveiro, pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

Contra a tosse

XAROPE PEITORAL DE JAMES, unico legalmente auctorizado pelo Conselho de Saude Publica, ensaiado e approvado nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco, em Belem. Os frascos devem conter o retracto e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1884.

Deposito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

OFFICINA DE CARPINTERO
— RUA DE ALFANDEGA —
(Bairros do hotel Cysne do Vouga)
Executam-se todas as obras pertencentes á arte de carpinteria, tais como arnações para lojas, capinhentos interiores e exteriores dos edificios, etc., etc.
Todos os pedidos a

Fernando Roman Christó

PHAETON

No hotel Cysne do Vouga ha um para alugar. Quem o pretender póde dirigir-se ao dito hotel.

SEMPRE TRIUMPHANTE!

AS MACHINAS DE COSTURA

DA

COMPANHIA FABRIL SINGER

Acabam de obter na Exposição Internacional de Salud, de Londres, a

MEDALHA D'OURO

O MAIOR PREMIO CONCEDIDO NESTA EXPOSIÇÃO

E' mais uma victoria ganha pelas excellentes machinas de coser da COMPANHIA SINGER que se vendem a prestações de 300 reis semanaes, sem prestação de entrada, e a dinheiro menos 10 por cento na

COMPANHIA FABRIL "SINGER,"
AVEIRO—75, Rua de Jesé Estevam, 79—AVEIRO
(Pegado á Caixa Economica)